

JULIANA COSTA MÜLLER, KARINE JOULIE MARTINS, LÍDIA  
MIRANDA COUTINHO & SILVIANE DE LUCA AVILA

julianacmuller@hotmail.com; karinejoulie@gmail.com;  
lidiacoutinho1@hotmail.com; silvianeavila@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

## CINEMA NA ESCOLA: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE CIDADANIA

### RESUMO

O presente artigo deriva de uma experiência de parceria entre o Grupo de Pesquisa Núcleo de Infância, Comunicação, Cultura e Arte, NICA, UFSC/CNPq e o projeto Inventar com a Diferença – Cinema e Direitos Humanos (KUMÃ – UFF), que tem como objetivo formar professoras(es) para o trabalho com questões relacionadas à cidadania e direitos humanos por meio do cinema na escola. O projeto se concretiza através de um curso de formação continuada com professores de escolas públicas da Grande Florianópolis/SC – Brasil, denominado “Cinema na escola: construindo espaços de cidadania”. Fundamentado em autores do campo do cinema, da mídia-educação e da formação de professores, e em diversas pesquisas desenvolvidas sobre cinema e educação (Sarmiento, Soares & Tomães, 2006; Fantin, 2006; Migliorin, 2014), o cinema é percebido como um recurso para instigar uma postura mais ativa, crítica, criativa e cidadã de crianças, jovens e professores em relação às mídias, onde a produção de novos saberes contribui para o desenvolvimento de outras formas de participação no território e de expressão da diversidade que configura o patrimônio cultural científico e tecnológico. A metodologia utilizada na formação inspira-se na primeira edição do *Inventar com a Diferença*, que enfatiza o trabalho colaborativo na partilha de ideias e conhecimentos, os processos de fruição, produção e reflexão. Os encontros são pautados na estrutura de *dispositivos audiovisuais* e em diversos materiais de apoio pedagógico, para contemplar aspectos da linguagem cinematográfica e problematizar as questões de cidadania, instigando a reeducação do olhar para as imagens que nos cercam e que também produzimos. Nesse processo de alfabetização em diversas linguagens, ressaltamos que a ampliação do repertório cinematográfico e cultural das professoras multiplicadoras corroboram a manifestação de práticas culturais, pedagógicas e cidadãs entre crianças, jovens, na escola e fora dela.

### PALAVRAS-CHAVE

Cinema; escola; cidadania

## EXERCER A CIDADANIA COM CRIANÇAS E JOVENS: O DIREITO À PARTICIPAÇÃO

“Cinema na Escola”<sup>1</sup> é um projeto de formação continuada de professoras(es)<sup>2</sup> de escolas públicas a partir dos fundamentos da mídia-educação, tendo como principal referência a metodologia *Inventar com a Diferença*. Baseada em práticas de criação audiovisual que promovem a alteridade e a exploração do território, a metodologia busca o recondicionamento do olhar sobre as diferenças e as reflexões acerca da cidadania e dos direitos humanos. O objetivo principal é a formação de multiplicadores de práticas de cinema na escola com crianças e jovens, de forma intencional, crítica e reflexiva. Assim, em encontros quinzenais, experimentamos exercícios da metodologia *Inventar*, exibimos e discutimos filmes, estabelecendo relações entre questões da linguagem cinematográfica, cidadania e direitos humanos, em um processo de dialógico, de base autônoma para que o trabalho na escola não se encerre com o término do projeto. O encerramento da formação acontecerá em uma socialização das produções audiovisuais de professoras(es), crianças e jovens na Mostra Cinema na Escola.

Participam dos encontros 34 professoras(es), atuantes em berçários, anos iniciais, ensino fundamental e médio (0-17 anos), além de gestoras escolares e auxiliares pedagógicas de 28 instituições educativas de quatro municípios da Grande Florianópolis. O fato de cada instituição localizar-se em uma comunidade com características culturais, geográficas e com infraestrutura singulares, além da amplitude de faixas etárias de crianças e jovens atendidos, configuram os principais desafios do projeto, mas também representam sua maior riqueza e grande oportunidade de exercer a criatividade, em uma interlocução plural e democrática.

Por isso, buscamos estruturar a formação de forma flexível e aberta, tendo como princípio o respeito e o reconhecimento às singularidades das crianças e jovens, tal como assegurado nos documentos que tratam

<sup>1</sup> “Cinema na escola” faz parte do edital *Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*, realizado pelo Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense com recursos do CONANDA – Conselho Nacional da Criança e do Adolescente. Criado e coordenado pelo pesquisador Cezar Migliorin em 2014, o *Inventar* tem como propósito a experimentação de uma metodologia de trabalho com linguagem audiovisual na escola, para despertar reflexões acerca de temáticas relacionadas aos direitos humanos. Na primeira edição, esteve presente em 246 escolas de todos os estados brasileiros, oferecendo formação para educadores e acompanhamento técnico e pedagógico para a realização de oficinas com a metodologia. Ao todo, estima-se que cerca de 4000 alunos tiveram contato com o projeto (Migliorin et al., 2016).

<sup>2</sup> Optamos por utilizar o termo professoras(es), tendo em vista o predomínio de mulheres na educação infantil e básica no Brasil, o que se reflete no grupo participante do Projeto. Tal escolha respeita as questões de gênero envolvidas no uso do termo.

do direito da infância: Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959), a Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1989) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.º 8.069/1990). No esquema abaixo apresentamos o panorama dos atores envolvidos:

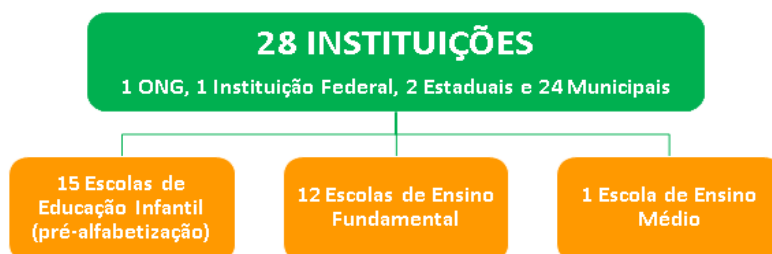


Figura 1: Panorama das Instituições participantes

O grupo que participa da formação é constituído por professoras(es) que atendem de bebês a jovens, que convivem com situações de protagonismo e, também de espaços e contextos sociais de desigualdade e exclusão aos “benefícios sociais mais fundamentais, inclusive aqueles legalmente garantidos na Constituição e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – *proteção, provisão, acesso à educação e à comunicação de qualidade, o que, teoricamente, asseguraria o terceiro “p”, de participação*” (Belloni, 2009, p. 21).

Mas, afinal, como trabalhar a participação das crianças para sua expressão, exercício de opinião e plena liberdade? Para Fantin a partir da mídia-educação podemos trabalhar o tripé (proteção, provisão, participação), tendo em mente que “mais que prover e/ou proteger as crianças dos meios há que se pensar em formas de prepará-las mais eficazmente para as responsabilidades atuais do ser criança hoje” (Fantin, 2006, p. 31).

Tais indicações a respeito do uso das telas corroboram a construção de uma postura educativa que vai além de uma visão instrumental, repleta de significações na recepção, produção e compartilhamento de informações. Considerando tais abrangências que se constituem entre o aspecto teórico e a sistematização de práticas educativas, nossa formação se baseia numa

<sup>3</sup> Os 3 P são assim descritos: A proteção, que se dá através da prevenção à discriminação, abuso físico, sexual, exploração, injustiça, conflito; a provisão aos direitos sociais relacionados à saúde, educação, segurança social, vida familiar, cultura, cuidado físico, recreio; e a participação como direito ao nome, identidade, liberdade de expressão e opinião.

educação *com, para e através* das mídias (Rivoltella, 2012), fazendo das dimensões proteção, provisão e participação o impulso para o diálogo com o desenvolvimento das múltiplas linguagens (Malaguzzi, 1999), que permite construir “observações, ideias e planos em um sistema de representação, que proporcionam diferentes maneiras de aprendizagem que integram funções psicológicas superiores e também as transformam” (Muller, 2014, p. 79). Em termos práticos, buscamos um movimento em que as crianças e jovens, em sua inteireza, se expressem, criem outras formas de participação e expressão por meio da linguagem corpórea, plástica, escrita, musical, dramatizada, e produzam audiovisuais que valorizem o processo de construção, criações e recriações que são tão ou mais importantes que o produto final e que ainda, perfazem o patrimônio cultural, científico, tecnológico.

## VER O MUNDO ATRAVÉS DO CINEMA

Para a aproximação entre cinema e direitos humanos, propomos uma relação estreita entre o ver e o fazer, como uma manifestação artística e política, “viva”, que promove encontros culturais com a diversidade. Ao mesmo tempo em que os filmes representam os sonhos, desejos e insatisfações de determinada sociedade em um determinado período, suas imagens incitam a alteridade e a construção de um ponto de vista sobre a cultura representada na tela. O cinema, portanto, nos permite perceber o mundo por outras janelas, espaços e tempos, assim como também

ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. A tela do cinema (ou o visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e em si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades. (Fresquet, 2013, p.19)

Georges Méliès (8/12/1861 – 21/01/1938), um dos cineastas pioneiros, chamava o cinema de “máquina de criar sonhos”. Nas primeiras décadas após sua primeira experiência pública, o cinema foi considerado como uma oportunidade para o trabalhador se desvencilhar da rotina a entrar num mundo mágico. O cinema é, dessa forma, um retorno à infância que alimenta a imaginação com as histórias que já não são mais narradas por

falta de tempo. Por um curto período, podemos nos identificar com um personagem muito distante culturalmente e partilharmos da sua forma de ver o mundo e de se relacionar com ele. Podemos nos sentir representados por esse personagem, deixando-nos conduzir numa viagem intensa que nos leva às lágrimas quando termina.

A maneira de se produzir e assistir às imagens do cinema se transformam ao longo da história, especialmente porque a linguagem audiovisual sofre influência de outras manifestações culturais – como as artes visuais, música, literatura – e está diretamente relacionada ao aperfeiçoamento tecnológico dos equipamentos de produção. A compactação, acessibilidade e popularização das câmeras e softwares de edição e efeitos faz com que o ato de narrar através das imagens se torne muito mais instantâneo, em grande número, mas não necessariamente plural e diverso. Parte do potencial se perde quanto à espontaneidade da produção de imagens, de certa forma banaliza as escolhas e a reflexão acerca de que elas realmente representam.

É possível perceber essa gama de potencialidades do cinema quando trabalhamos com um repertório diverso, descentralizado, para além do cinema comercial. Em parte, a produção e compartilhamento dessas imagens plurais, de lugares diferentes, se dão pelo desenvolvimento das tecnologias digitais. Para Giba Assis Brasil (2008, p. 91) “em alguns momentos da história do cinema, as novas tecnologias foram democratizantes; em outros, elas foram extremamente concentradoras”.

Por outro lado, é preciso ter em mente que o cinema é construído a partir da subjetividade de seus autores e representa um ponto de vista dentre vários possíveis. A sensibilização que a conjunção da música e dos enquadramentos nos provoca, por exemplo, está relacionada à intenção de provocar tristeza, alegria, medo, etc. Nesse sentido, é importante ler as imagens do cinema – e da mídia em geral – com a compreensão de que elas partem de escolhas pautadas por visões diferentes de mundo. Tais aspectos apresentam-se atravessados pela experiência estética, definida por Duarte e Gonçalves (2014, p. 38) como a qualificação do “olhar para o potencial artístico da linguagem audiovisual”. E ainda,

pensar na relação do cinema com a educação é, de alguma maneira, acreditar numa determinada potência no cinema, na capacidade que o cinema tem de intensificar certas invenções de mundo, ou seja, na possibilidade que o cinema tem de tornar comum o que não pertence ao espectador. O que é tornar comum? É trazer para o que eu entendo como sendo o *meu mundo que não me pertence*, algo que está distante: as formas de vida, as formas de ocupar o

espaço, habitar o tempo. É construir o que é do outro, com o que não me pertence, um mundo de copertencimentos. (Migliorin, 2014, p. 99)

Assim como um trabalho envolvendo a arte, a autonomia, a intuição e o senso crítico permite a valorização das diversas formas de expressão nos espaços escolares, numa experiência geralmente coletiva, que demanda a participação ativa das crianças e jovens, isso também ocorre. Dessa forma, a mediação do educador se dá na apresentação de um repertório cultural diverso, na oferta de dispositivos que instiguem novas ideias e modos de ver o mundo.

Para Fresquet (2014, p. 69) o cinema na escola é “uma possibilidade de fazer e de refletir sobre exercícios de emancipação intelectual, afetiva e estética enquanto ampliamos o repertório e alargamos as possibilidades de escolha do que o acervo cultural de cada um oferece”. Tamanha proposição revela-se pertinente ao comprometimento para uma educação qualificada, já que para muitas crianças e jovens de classes mais baixas, a escola ainda é o único espaço de apropriação tecnológica, artística e cultural para além do que está disponível comercialmente. Ao percebermos a escola enquanto espaço de difusão cultural, de socialização e construção de saberes, enfatizamos a promoção da educação como formação ampla e fonte das transformações das humanidades. Num viés de articulação entre cinema e educação, visando oferecer acesso qualificado às condições de produção e reflexão acerca do que é ofertado diariamente à sociedade.

Dessa forma, a presença das tecnologias na escola, pautada pelo viés da mídia-educação, ou seja, numa perspectiva crítica, criativa e cidadã estimula a reflexão sobre as imagens que nos cercam, incentiva a produção de novas imagens que contemplam as especificidades de olhares muito particulares provindos dos contextos em que estamos inseridos, ampliando as capacidades de interação e reconhecimento de professoras(es), crianças e jovens.

## EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

As práticas de formação estão sendo construídas com base no *CADERNOS DO INVENTAR*<sup>4</sup>, que reúne uma série de exercícios denominados *dispositivos* e apresenta formas de “criação coletiva para gerar vídeos, filmes, experiên-

<sup>4</sup> Material em formato de brochura disponibilizado pelo “Projeto Inventar para a Diferença” contendo exercícios para serem utilizados pelas professoras(es) ao longo do seu trabalho na escola.

cias e pensamentos em forma de imagens e sons. Formas de construir o que somos e de desconstruir e inventar com o outro” (Migliorin et al., 2016, p. 9). Estes *dispositivos* possibilitam “lidar com aspectos básicos do cinema, ao mesmo tempo, permitem se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar histórias”, com ou sem equipamentos de vídeo (Migliorin et al., 2016, p. 10).

Como suporte didático também utilizamos audiovisuais de gêneros e formatos diversos – comédias, dramas, animações, documentários, curtas e longas-metragens nacionais e internacionais, produtos aos quais professoras(es) presentes na formação raramente têm acesso. Tais materiais fomentam o debate sobre forma e conteúdo, sobre a linguagem do cinema e as mensagens que cada produto apresenta. Nos quinze encontros quinzenais de formação viemos explorando recursos, narrativas e linguagens do cinema como sons, texturas, luz, enquadramentos, formatos audiovisuais, improvisações (gambiarras<sup>5</sup> e recursos alternativos) e edição. Também buscamos a produção criativa em coletividade, trabalhando quase sempre em pequenos grupos.

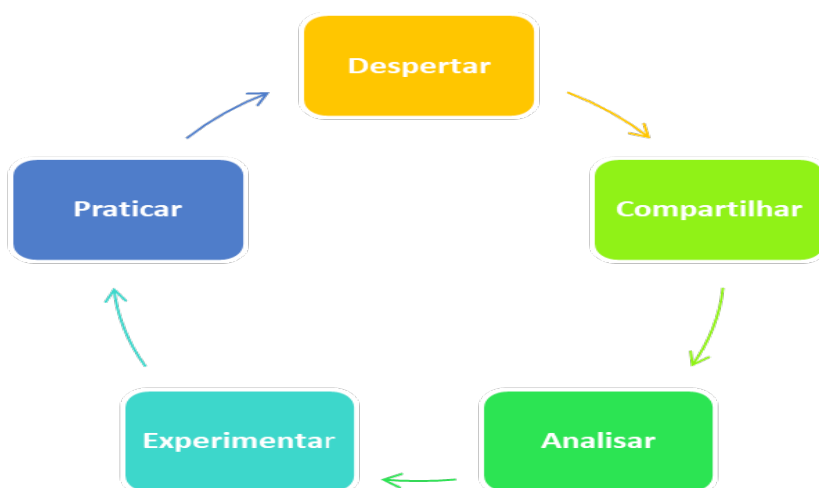


Figura 2: Estrutura dos encontros

Os planejamentos pedagógicos são realizados de acordo com as especificidades de atuação do grupo de professoras(es) (interesses, faixa

<sup>5</sup> Termo utilizado na produção audiovisual para designar a construção e adaptação de equipamentos com sucatas e plásticos, visando baratear os custos de produção e trabalhar criativamente.

etária, contexto cultural, tecnológico), buscando a sensibilização às propostas e o estímulo ao fazer cinema na escola. Buscamos ouvir as demandas e, a partir delas, formatar as ações, planejando, refletindo e replanejando, sem perder os objetivos do projeto. Os encontros seguem, em linhas gerais, o esquema da Figura 2.

1. Despertar: começamos com uma brincadeira ou exercício físico de atenção e/ou de aproximação entre os colegas. Exemplo: Para despertar mente e corpo fazemos uma brincadeira de memorização dos nomes dos colegas. Cada um deve repetir o próprio nome estalando os dedos próximo aos ouvidos e, em seguida, escolher um dos colegas, bater palmas em sua direção e repetir seu nome.

2. Compartilhar: exibimos o que foi produzido pelas professoras(es) durante o encontro anterior ou nas semanas de intervalo, exercícios audiovisuais simples, com fotografias ou vídeos executados em dispositivos móveis, sobretudo celulares;

3. Analisar: analisamos coletivamente as produções e seus processos de criação, com comentários dos autores, colegas e de nossa equipe de formação. Exemplo: Mostramos as fotografias que as professoras(es) fizeram utilizando molduras de EVA para exercitar o olhar, enquadrar e perceber o que ficou dentro e fora do quadro. Afinal, qual é a intenção de quem fotografa, filma, escreve, e qual a percepção de quem “recebe” a imagem, de quem interpreta o conteúdo e a forma de uma obra? O que o autor deseja mostrar, que ideia espera transmitir e, ao fazer suas escolhas o que é excluído, o que fica de fora? Há todo um contexto, há outras versões, há um universo de intenções mais ou menos explícitas.

4. Experimentar: fazemos atividades práticas baseadas nos dispositivos do Cadernos do Inventar ou de outros materiais didáticos; realizamos a exibição e o debate sobre filmes diversos, para ampliar o repertório e desenvolver o olhar atento e cuidadoso sobre os audiovisuais. Exemplo: Experimentamos o dispositivo Montagem na Câmera (Migliorin et al., 2016, p. 44), que consiste em filmar uma cena cotidiana com até 5 planos, que precisam ser filmados na sequência em que serão reproduzidos. Divididos em grupos de quatro ou cinco, ao desenvolverem o exercício, professoras(es) atentam-se para as diferentes formas de contar uma história, para a relação que se estabelece entre o plano atual e aquele que o segue para garantir a continuidade da cena, para os diferentes enquadramentos e estilos de câmera possíveis. Por fim, percebem-se autores de uma mensagem, contadores de uma história, assim como vislumbram a possibilidade de revisar o que fizeram, em um processo de aprimoramento da experiência.



5. Praticar: apresentamos alguma proposta de atividade/exercícios a ser realizada e compartilhada em nosso canal no YouTube e/ou no *blog* do projeto<sup>6</sup>. Exemplo: No grupo que atua com bebês e crianças menores de três anos sugerimos atividades focadas na formação das professoras(es), suas linguagens audiovisuais e sensibilização do olhar com as crianças; com as professoras(es) de crianças maiores e jovens ampliamos para processos de construção criativos em conjunto com as crianças, pois grande parte domina o uso das tecnologias audiovisuais ou são espectadores entusiasmados de filmes, séries, e videogames, além de usuários frequentes de redes sociais. Já sua participação ativa e crítica na produção de filmes/vídeos é bem menos comum, principalmente dentro dos espaços escolares. É isso que propomos, estimular a participação e autonomia das crianças e jovens durante todo o processo de criação.

O estímulo à criatividade e experimentação culmina na elaboração de um projeto audiovisual, autoral e coletivo. Reproduzindo alguns dispositivos do *Cadernos do Inventar* ou criando novos, fazendo uma ficção, um documentário, um vídeo-arte ou mesmo um relato audiovisual das experiências do grupo fazendo cinema, propomos a construção de espaços de cidadania. As produções serão socializadas numa *Mostra Cinema na Escola*, aberta aos pais e comunidade, prevista para julho, privilegiando o terceiro P do tripé de direitos da criança e do adolescente: o direito à participação, que contempla a visibilidade, o reforço à pluralidade de identidades, o exercício da liberdade de expressão e de opinião, e o compartilhamento entre pares. Entendemos que, ao terem suas produções compartilhadas em espaços públicos de exibição, estudantes e professoras(es) exercem sua condição de cidadãos atuantes nas comunidades nas quais estão inseridos, autores de uma produção audiovisual que tem sua relevância não apenas como produto, mas como processo de autonomia e valorização de si.

## CONSIDERAÇÕES, ATÉ ENTÃO, FINAIS

O trabalho com o audiovisual vem sendo pautado na mídia-educação, que reforça a atuação dos envolvidos para além do papel de consumidores das mídias. À medida que trabalhamos com a dimensão estética para a experimentação das atividades pelas professoras(es) e futura transposição para as crianças e jovens, passamos a perceber as possibilidades e limites que os recursos apresentam e, assim, construímos sentidos de

<sup>6</sup> Retirado de <http://cinemanaescolanica.wordpress.com>

pertencimento e autoria. O audiovisual é encarado como um recurso para o desenvolvimento de diversas linguagens, num tempo no qual ser cidadão é também fazer uso das tecnologias, é colocar-se no lugar do outro para compreender seu olhar, é sentir-se pertencente à comunidade em que vivemos, é ter a oportunidade de ser crítico no uso das tecnologias e, com isso, disseminar posturas mais qualificadas e explorar as diferentes formas de aprendizagens.

O projeto já nos permite inferir alguns indicativos sobre a percepção das professoras(es) envolvidas, que estão articulando meios para que possamos ir nas escolas realizar formações com seu corpo docente e mostram-se constantemente envolvidas com a metodologia teórico-prática utilizada na condução dialógica das oficinas.

Destacamos a ampliação do repertório cultural das professoras(es) revelada nas atividades audiovisuais diversas; a formação extraescolar, em espaços da universidade, mas também culturais como a Fundação de Cultura e o Museu da Imagem e do Som; interesse e envolvimento de crianças e jovens na participação das atividades audiovisuais, nas quais podem exercer sua criatividade, num fazer coletivo, colaborativo e autoral.

Por fim, essa formação oportuniza à nós, formadoras e pesquisadoras, experiências de troca e colaboração. Provindas de diferentes áreas, buscamos estabelecer relações democráticas de criação e execução do projeto, para potencializar o que trazemos como bagagem, profissionais da comunicação, cinema e educação. Nossa formação profissional/pessoal em mídia-educação permite ainda que a troca de saberes seja alimentada pelo viés crítico, de exploração, estudos e ação, num campo onde as escolas enfrentam dificuldades, mas trazem riquezas de saberes e grandes possibilidades de experimentação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belloni, M. L. (2009). *O que é sociologia da infância*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Brasil, G. A. (2008). Politizando a tecnologia e a feitura do cinema. In N. L. Pretto & S. A. Silveira (Eds.), *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder* (pp. 69-74). Salvador, BH: EDUFBA.
- Duarte, R. & Gonçalves, B. A. (2014). Relações entre cinema e educação na esfera pública brasileira. In M. C. S. Barbosa & M. A. Santos (Eds.), *Escritos de alfabetização audiovisual* (pp. 35-45). Porto Alegre, RS: Libretos.

- Fantin, M. (2006). *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis, SC: Cidade Futura.
- Fresquet, A. (2013). *Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Rio de Janeiro, RJ: Autêntica.
- Fresquet, A. (2014). Princípios e propostas para uma introdução ao cinema com professores e estudantes: a experiência do CINEAD/UFRJ. In M. C. S. Barbosa & M. A. Santos (Eds.), *Escritos de alfabetização audiovisual* (pp. 68-85). Porto Alegre, RS: Libretos.
- Malaguzzi, L. (1999). História, ideias e filosofia básica. In C. Edwards; L. Gandini & G. Forman (Eds.), *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância* (pp. 59-104). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Migliorin, C. (2014). O cinema, a escola, o estudante e a invenção dos mundos. In M. C. S. Barbosa & M. A. Santos (Eds.), *Escritos de alfabetização audiovisual* (pp. 99-107). Porto Alegre, RS: Libretos.
- Migliorin, C.; Pipano, I.; Garcia, L.; Martins, I. M.; Guerreiro, A.; Nanchery, C. & Benevides, F. (2016). *Cadernos do Inventar: Cinema, Educação e Direitos Humanos*. Niterói, RJ: EDG.
- Muller, J.C. (2014). *Crianças na contemporaneidade: entre representações e usos das tecnologias móveis na educação infantil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Retirado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132433>
- ONU (1959). *Declaração dos Direitos da Criança*. Acedido em [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf)
- Rivoltella, P. C. (2012) Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional. In M. Fantin & P. C. Rivoltella (Eds.), *Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores* (pp. 17-29). Campinas, SP: Papirus.
- Sarmento, M.J., Soares, N. F. & Tomás, C. (2006). Participação social e cidadania activa das crianças. In D. Rodrigues (Org). *Inclusão e Educação. Doze Olhares sobre a Educação Inclusiva* (pp. 141-159). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- UNICEF (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Retirado de [https://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)

## OUTRAS REFERÊNCIAS

Lei nº 8.069/1990, de 13 de julho, Brasil.

### Citação:

Müller, J. C.; Martins, K. J.; Coutinho, L. M. & Avila, S. de L. (2017). Cinema na escola: construindo espaços de cidadania. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 4.º Congresso* (pp. 363-374). Braga: CECS.